

Entrevista com José Coelho Sobrinho

Carol: Professor, o senhor poderia nos contar como o senhor chegou na ECA, como foi a decisão de deixar de ser bancário para entrar aqui?

Coelho: Pois é, eu vou começar a falar de como eu entrei na ECA como aluno. Eu era aluno de Direito, fazia Direito na PUC, estava no 4º ano e a minha classe era ótima. Tinha duas pessoas que dividiam a classe. Tinha o grupo que era do Zé Dirceu, que foi meu colega de turma e já era um mensaleiro naquela época; e outro grupo pertencente ao Antônio Maris de Oliveira, que foi até Secretário. E um grupo que existia lá e que não falava nada, que era o grupo dos alienados – que na época era um nome muito falado.

Então quando começava a briga dos dois grupos – esquerda com direita – os alienados, e eu fazia parte dele, nós íamos pro Aeroporto de Congonhas tomar café. Depois a gente voltada para PUC.

E ao mesmo tempo eu fazia ciências sociais aqui na USP. Já tinha passado pelo curso de Publicidade e Propaganda, da Escola Superior de Propaganda, que funcionava na 7 de abril. Não me dei bem lá porque cheguei à conclusão que lá era um curso de direita. Não é que eu quisesse fazer um curso de esquerda, mas era um curso em que só a direita estava certa.

Então vim fazer ciências sociais e fui morar no Crusp. Daí me encantei com tudo que tinha aqui. Só que não me localizava muito bem nem no curso de Direito nem no de Ciências Sociais. Aliás, Sociais eu estudava na Maria Antônia e em 1968 e depois daquela briga com o Mackenzie a gente passou a ser procurado.

E em 68 eu fui detido ali na frente e fiquei detido um par de horas porque eu morava no Crusp. Por sorte eu encontrei uma pessoa que tinha estudado comigo o científico, Aspirante Costa Ramos, e ele deu o salvo conduto para eu e meus colegas irmos até o nosso apartamento retirar as coisas. E nós aproveitamos, demos para os policiais que nos acompanharam revistas Playboys, e enquanto eles liam a revista, nós escondemos os livros que eram considerados subversivos de um colega da Faculdade de Direito que tinha desaparecido. Ele desapareceu porque ele fugiu, não porque ele foi pego pela

polícia. E nós conseguimos sair com nossas coisas numa segunda tentativa, porque na primeira os policiais não deixaram.

Então eu comecei a me sentir muito bem aqui dentro da escola, dentro da Universidade, mas não me sentia bem no curso de Direito, me sentia bem no curso de Ciências Sociais. Eu fazia algumas disciplinas e ao mesmo tempo trabalhava no Banco do Brasil, ajudava a construir o Banco do Brasil do Ceasa, a agência do Ceasa.

Então eu resolvi fazer uma... Eu fui até uma instituição chamada Colmeia e lá eu procurei verificar com as psicólogas qual era a minha vida, sabe, o que eu poderia fazer que eu fosse me dar bem. Porque, para mim, a minha vida profissional já estava feita, eu era funcionário do Banco do Brasil, já tinha 9 anos de carreira, já podia ser gerente, eu entrei no Banco do Brasil com 8 anos. Então eu já podia... eu falei *“minha vida está pronta, agora eu quero fazer alguma coisa que eu goste mesmo, que seja o meu deleite”*. Daí ela falou *“ah, você pode fazer Direito, você pode fazer qualquer curso de Ciências Humanas. Apareceu uma escola chamada Escola de Comunicações e Artes, lá eles ensinam um negócio de comunicação, porque você não tenta? É uma escola nova e tal”*.

Então eu vim fazer ECA por causa disso, foi uma psicóloga da Colmeia - que funciona aqui na 9 de Julho até hoje, até hoje eu recebo correspondência deles - que me indicou né. Ela falou *“Você vai fazer lá”*, depois de um monte de teste vocacional, *“Vai fazer isso que dá certo”*. Eu falei *“Direito não serve”*, porque eu fiquei reprovado no exame oral lá na PUC de Direito Canônico, então... mas no restante eu ainda passei.

Então eu ingressei na ECA, fiz o vestibular em 68. Não fiz cursinho e nem vim saber o resultado porque eu achei que eu tivesse sido reprovado. Mas a minha irmã veio fazer Física e ela passou. Ela resolveu passar na FFLCH para verificar a lista, porque eu falei que não vinha nem verificar se tinha passado ou não. E ela encontrou o meu nome e falou *“Olha você passou pra segunda fase, então você vai lá fazer a prova”*. Eu vim fazer a prova, a segunda prova, que era uma redação sobre a Transamazônica, e acabei passando. E depois me encantei pela escola, me encantei por tudo aqui dentro.

Abandonei o banco em 1973. Porque quando eu me formei o meu professor de Artes Gráficas e Diagramação foi pros Estados Unidos para fazer estágio em editoras americanas, para ajudar a implementar o curso de Edição que iria ser montado aqui.

Então o que ele fez: foi para lá ficar seis meses, só que ele acabou ficando um ano, dois anos, três anos e eu fiquei substituindo o **Hélcio Deselandes** até ele voltar. Quando ele voltou já precisavam de dois professores na área e eu acabei ficando.

A minha contratação aqui foi muito interessante porque eu assinei um papel para dar aula de História do Jornalismo e ficar no lugar do Antônio Fernandes Costela, que era professor daqui que foi para o CCA. E eu falei “*Mas eu não sirvo, eu não tenho formação em História*” e falaram “*Não, mas é que você fez um trabalho sobre o Cornélio Pires muito interessante, uma pesquisa muito boa*”. Eu fiz a pesquisa pro trabalho dele, fui até a tietê e lá eu fiz um levantamento da vida do Cornélio Pires e fiz um livrinho. Entreguei para ele, ele achou que ficou ótimo. Eu falei “*Mas é só isso que eu falei de história do jornalismo, é muito pouco*”. Ele falou “*Não, mas fica você no meu lugar, porque eu não vou ficar aqui*”, porque ele brigou com outro professor, que na época era aluno, chamado **Carlos Marcos David** e que também foi professor depois no CCA e aqui também. Não vou contar a história porque é meio cumprida.

Então num dia à noite, foram o José Marques de Melo e Dona Célia Portugal Marta, que era secretária do CRP, foram até o banco com o contrato para eu assinar, História do Jornalismo. Voltei a falar com o José Marques e com a Célia, “*Olha, isso aqui não é a minha área e tal*”. “*Não, mas o Costela disse que você quebra o galho muito bem. E se você não assinar hoje...Porque nós estamos aqui de madrugada? Porque amanhã cedo, se nós não estivermos com um contrato nós vamos perder a vaga*”. Eu falei “*Bom, então calma aí. Então eu assino, mesmo que procurem outro depois*”.

Quando o meu contrato chegou aqui...Nós precisávamos de dois professores, um em Artes Gráficas e Diagramação e outro em História do Jornalismo, chegou aqui o professor Flávio Galvão falou “*O Coelho não serve para História do Jornalismo*”. O Freitas Nobre, que também era professor da casa disse que eu não servia. Que bom, era isso mesmo, eles tem toda razão. E entenderam que a Alice Mitika poderia, porque a Alice fez História, então apagaram o meu nome e puseram o da Alice; apagaram a minha assinatura e a Alice assinou.

Só que como ficam cópias, pegaram a cópia da minha assinatura e puseram em Artes Gráficas e Diagramação e enviaram, porque tinha prazo. Então foi para a reitoria, passou a Alice, eu também passei. E um dia, eu estou no banco muito tranquilo, a Célia telefona: “*Coelho você começa a aula amanhã*”. Eu: “*Como que é? Aula do que?*”.

Então eu fui contratado dessa forma. Fui contratado para substituir o Élcio Deselandes seis meses, fiquei aqui seis anos. Quando ele voltou, nós dividimos as coisas, ele não se adaptou mais ao Brasil, voltou pros Estados Unidos e eu fiquei aqui. Então foi dessa forma que eu entrei na ECA.

Carol: O senhor pode nos contar um pouco mais do que o senhor se lembra aqui da ECA quando o senhor foi aluno?

Coelho: Pois não. Primeira coisa é o vestibular. O vestibular eram cinco línguas. Era inglês, francês, espanhol, alemão e italiano, além do português. Então era a um vestibular de FUVEST e também não era...Porque na época em que eu estudei aqui existiam três grandes instituições, CECEM, CESCEA e MAPOFEI . O vestibular da ECA não era ligado a nenhum deles. Não poderia ser ligado ao CECEM porque ele fazia só a da área de biológicas e a MAPOFEI só fazia da área tecnológica e ciências exatas. O CESCEA que fazia o vestibular para a área de humanas, mas esse aqui ele foi o último ano que aconteceu.

Bom, então foi feito o vestibular, eu contei já um pouquinho, eu acabei passando. A minha turma era muito boa, sabe, a minha turma tinha José Possi Neto, Regina Duarte, Suzana Amaral e outras pessoas que foram muito importantes a minha convivência com eles.

A ECA era uma escola de vanguarda. Então eu me recordo que uma vez nós fizemos uma ...Eu entrei numa greve que a gente queria uma disciplina chamada Cibernética. Eu nunca tinha ouvido falar em cibernética, mas como todo mundo estava dizendo que era uma coisa importante e eu não tinha tempo de ficar pesquisando. Nós não tínhamos internet naquela época, isso em 70, 69. Então eu entrei, lutando para ter uma disciplina chamada cibernética. A gente queria também a participação maior na discussão das coisas e nós tínhamos alguns professores que eram muito abertos né, como o Virgílio como o próprio Peñuela, a Lupe Cotrim, a Nélia de Camargo, mas nós tínhamos outros professores fechados. Então era uma escola de vanguarda que queria mais participação.

Nós tínhamos o Ciclo Básico. Então estavam misturados artistas, cineastas, gente já consagrada, e era uma escola de pessoas que já tinham uma vida. Então nós tínhamos alunos que eram mais velhos que os professores. Nós tínhamos, por exemplo, vou

contar uma pequena passagem, o Walter Sampaio Smolka. Ele era aluno de jornalismo e foi contratado um professor de telejornalismo, chamado Alexandre Kadunc. Então o Alexandre foi dar a primeira aula, começou a dar aula olhou assim para o fundo da sala, porque eram muitas pessoas, ele foi até o fundo da sala e falou para o Walter: *“O que você está fazendo aqui?”*, ele falou *“Sou aluno!”*, *“Você é aluno, tem certeza?”*, *“Sou aluno”*, *“Tá bom”*. Voltou, continuou a aula e pediu demissão para o José Marques. Ele falou *“Mas porque você está pedindo demissão?”*, ele falou *“Porque tudo que eu sei de telejornalismo eu aprendi com o Walter”*. Daí o Walter Sampaio era professor e aluno ao mesmo tempo. Ele era aluno nas outras disciplinas e em Telejornalismo ele era nosso professor. E justamente porque ele era uma pessoa que... ele montou a Tv Excelsior, que depois foi comprada pela Globo. Ele montou a Tv Excelsior, ele fazia um telejornalismo na Excelsior chamado *Show da Notícia*, muito importante, principalmente as apresentadoras que eram lindíssimas, Branca Ribeiro e assim por diante.

Então era a vida na ECA, quer dizer, você não estava aqui só como aprendiz, você também estava com pessoas que sabiam muito daquilo que estavam estudando aqui. Eu me lembro que a Regina Duarte disse uma vez numa... a gente fazia muita greve né, a gente fazia reunião para continuar a greve, então às vezes tinha mais greve do que aula. Mas eu me lembro que numa reunião a Regina Duarte falou *“Pessoal, a gente precisa tomar cuidado porque eu estou aprendendo aqui e estou valorizando a minha profissão”*, na época ela já era a namoradinha do Brasil, *“Quando eu vou participar de uma novela eu não sei porque estou fazendo. Para mim era uma interpretação só. Eu não sabia das consequências que ela tinha. Agora me abriu a cabeça e eu sei tudo aquilo que é importante, como eu sou importante pro país. Quer dizer, toda besteira que eu faço, eu sei que eu estou prejudicando muita gente. Sabe, não é que eu seja importante porque eu sou uma pessoa, não...É a posição que eu estou assumindo. Então eu tenho uma responsabilidade social muito grande em relação a isso. Então eu acho que nós devemos aproveitar essa Escola para aprender mais e tal”*.

Então isso daí que era a nossa Escola, sabe. Uma escola que procurava coisas novas, uma escola que já tinha a Suzana Amaral que também já era uma... A Suzane estudava com o filho dela, sabe, os dois na mesma classe. Era uma escola que era realmente diferente, a gente vinha para cá porque você sabia que se não tivesse aula você ia aprender muita coisa com outras pessoas, com seus próprios colegas.

Carol: O senhor falou que a ECA era diferente. Como a sociedade via a ECA naquela época?

Coelho: Pois é, eu vou falar como a Universidade via a ECA.

A Adusp, ela nasceu de uma associação de auxiliares de ensino da qual eu fazia parte. Então a grande pessoa da Adusp foi o pai da **Estela Hamburger**. E o professor Hamburger ele foi presidente da Adusp, eu era conselheiro. Eu me lembro que uma vez a gente estava fazendo uma discussão acalorada dos conselheiros, e o professor da Física...Eu acho que ele descreveu bem o que era a ECA pras outras pessoas que estavam acostumadas com uma universidade mais fechada, uma universidade mais organizada, com tudo certinho, cada coisa no seu lugar. Então o professor Salinas falou que a ECA era uma excrescência dentro da USP, porque *“Onde já se viu? Essa ECA não tem ciência essa ECA não tem nada, tal”*. Então eu deixei ele falar bastante, isso por volta de 74, daí eu disse pra ele *“Bom, Salinas, vamos fazer o seguinte: eu cito agora, do meu departamento, cem pessoas que deram certo”,* exagero né, *“Agora eu quero que você cite dez do seu departamento que deram certo, que são físicos importantes. Eu cito cem jornalistas que são importantes, você cita dez físicos que são importantes. Então a ECA não é isso”*.

Uma outra coisa que as pessoas também se assustavam muito, é que passavam no Departamento de Artes Plásticas e viam lá uma pessoa nua posando e outras pessoas desenhando. *“Onde já se viu? Que indecência é essa?”*. Outra de passar pelo curso de Teatro que era no 3º Bloco, onde hoje fica o CTR, e tudo aberto porque estava tão calor quanto aqui, e viam as pessoas com pouca roupa fazendo ensaios. Então a ECA era isso daí. Depois, nós tínhamos alguns alunos que eram diferentes. Nós tínhamos uma aluna aqui chamada Aída e todo mundo achava que a Aída era o protótipo da aluna da ECA. Porque ela fez um abaixo assinado pedindo nudismo na piscina. Ela chegou pra mim e falou *“Coelho, sabe quem foi o primeiro que assinou esse papel aqui? O meu pai”*. Daí um dia ela faz topless aqui na frente da ECA, e todo mundo passa vê ela com o seio de fora...e não é uma aluna da ECA, as alunas da ECA tiram o seio para fora.

Eu me lembro que no vestibular, numa recepção de calouros o pessoal resolveu fazer...Resolveram que tinha televisão, então punha a cara na televisão e falava alguma

bobagem. Então chegaram para a Aída, ela falou “*Espera um pouco*”, plantou bananeira, só que ela estava sem roupa de baixo, e mandou colocar ali onde, né. Então isso daí, muitos pais não permitiram que as filhas continuassem aqui porque “*Onde já se viu? Essa escola é uma baderna!*”.

E sem contar, por exemplo, alguns...não, mas aí eu não posso falar porque é muito feio o nome.

Mas o Centro Acadêmico também era um local de contestação, de criação. As pessoas faziam, apareciam, chapas que estavam aí para fechar o Centro Acadêmico, para mudar a vida da USP. Então era uma escola muito interessante e que passava para as pessoas uma forma de ser uma escola descompromissada, que aqui ninguém fazia nada, que... “*Onde já se viu? Ensinar o que para as pessoas? A gente não faz ciência, a gente não faz nada, nós não somos uma área, não existimos, na verdade*”.

E depois, muita gente falava “*Olha, a ECA ela nasceu...*” bom, então vai lá, já comecei, vou até o final. Então a ECA nasceu de um amor não muito correto entre uma senhora importante da vida da universidade com um professor que depois se tornou diretor da ECA. Então a ECA nasceu numa cama, então por isso não tem esse tipo de compromisso. Mas o que não é verdade, então hoje a gente sabe a importância que essa escola tem para a vida do país.

Carol: E alguma história também que esse prédio foi construído para abrigar o alojamento dos jogos pan-americanos...

Coelho: Ah sim,

Carol: Existe também né?

Coelho: Mas é verdade, é verdade.

Carol: O professor poderia falar sobre isso?

Coelho: Falo com prazer, porque é o seguinte, a ECA só tem... Os prédios da ECA que foram construídos para a ECA são os prédios das artes. Os prédios que abrigam a comunicação nunca foram da ECA. Primeiro, esse prédio principal, ele foi feito para ser o arquivo morto da reitoria. Como eu disse num certo momento, a gente não tinha

condição de fazer... Nós não tínhamos toda essa parafernália eletrônica de hoje. Então precisaria ficar arquivado em papel, então foi feito o prédio para que todos os papéis da universidade viessem aqui para o arquivo morto, que é o prédio principal da ECA.

Aqui era alojamento. Por isso, se a gente for visitar os banheiros, a gente vai ver que eles são pequenos. Que na verdade, boa parte de um lado era chuveiro, que eram pras pessoas tomarem banho, era vestiário. E aqui seria alojamento pros jogos olímpicos de 1965, que não aconteceram por causa do surto de meningite. Daí o prédio ficou fechado.

O prédio para gente, que nós estávamos no prédio principal da ECA, ele foi ficando pequeno. Então a gente ocupava esse prédio, onde a ECA nasceu - que na verdade foi no B-9, aquele prédio que caiu e ninguém falou nada, eu nem sei se tem fotografia dele - e um pedaço da reitoria, onde está a Adusp. Estava a Adusp, né, que não está mais aí. Então a ECA era isso. Daí nós invadimos isso daqui. Os alunos invadiram, os professores não.

Carol: Isso foi quando? O senhor lembra?

Coelho: 73, 74, por aí, porque em 75 a gente veio para cá e foi feita a reforma. Então esses prédios, todos eles, esses três prédios, foram reformados de acordo com aquilo que os professores pediram. Foi feita uma Comissão, presidida professor Clóvis Garcia, advogado e professor do departamento de Arte Cênicas, que faleceu infelizmente. A funcionária Marina Cláudia Rector, que era a secretária do Ferri, o professor Valdir Ferreira, do CRP que está aposentado, e eu. Nós entrevistamos todos os professores, todas as tomadas estavam colocadas de acordo com o que foi pedido.

Então o prédio seria da seguinte forma. O 3º bloco seria o prédio da área de música, então nós tínhamos várias salas que não tinham janela e tudo era com revestimento acústico. E estava previsto para a gente ocupar... É possível nesses blocos você passar uma tubulação, de fora a fora, que seria o tudo de ar condicionado.

O segundo bloco seria seriam os laboratórios. Então todos os laboratórios estavam concentrados lá. Não tínhamos laboratórios de informática, nada disso, tá. E esse bloco aqui seria o bloco das aulas magnas né, então das aulas teóricas, quer dizer todo mundo estaria aqui, próximo.

Todos os professores estariam concentrados no primeiro andar daquele prédio, independentemente de que área de que departamento ele pertencesse. Então a nossa ideia, por exemplo, na época nós tínhamos oito professores de Artes Gráficas, é que os oito professores estivessem próximos pra dividir aquilo que faz parte do nosso dia-a-dia. Então todos professores estariam no primeiro andar desse prédio antigo e administração iria para cima.

No dia da mudança, o professor Ferri, que era o diretor da escola, a gente tem certeza que ele foi pressionado pelos órgãos de segurança que estavam instalados dentro da reitoria, ele fez a seguinte mudança: *“Nós vamos colocar Jornalismo no bloco A, Turismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Artes plásticas no bloco B”*. Vejam como ficou. E no bloco C ficaram algumas coisas de música e mais Artes plásticas. Os professores viriam para cá, junto com seus departamentos. Daí, quer dizer, tudo aquilo que nós ficamos dois anos bolando, mexendo, todas as reformas que foram feitas foram água abaixo. Daí resolvemos em comissão falar com o Ferri. Daí o Ferri falou *“Vocês criaram duas panelas de pressão. Se aquele bloco A, se todos os alunos se reunissem ali nós não conseguiríamos dar aula porque seria greve em cima de greve. E os professores em um bloco só. Então é por isso que eu dividi”*. Mais ou menos o seguinte: olha, estamos dividindo para governar. Então foi o que foi feito.

É por isso que a ECA ficou dessa forma. Então foram criados feudos. Então o feudo de jornalismo. Eu me recordo, por exemplo, quando a gente foi mudar uma mesa que estivesse ali que a gente *“De quem é essa mesa?”*. Ninguém sabia de quem era? Então era minha, trazia pra cá. Nós trouxemos aqui várias mesas de jacarandá. Várias, não foi uma só. Várias. Nós trouxemos várias mesas de jacarandá para cá porque as mesas estavam lá e não se sabia para quem ia. Como não sabia, então é de quem chegar primeiro, sabe.

Então a ECA ela foi criada dessa forma. Ela foi criada de uma forma já desestruturada, quer dizer, o modelo ditatorial. De dividir para governar. Eu não culpo o professor Ferri, eu tenho certeza que, pela história daquele período, que ele foi forçado a fazer isso.

Carol: E o que foi essa decisão do professor Ferri para você naquela época?

Coelho: Não entendi, desculpa.

Carol: Qual foi a sensação do professor...

Coelho: Ah não, pois é. Alguns professores acharam interessante né, porque eu vou ficar perto dos meus alunos, nós vamos fazer o nosso próprio gueto e tal. Mas a gente que tinha um projeto pela frente, o caso do Clóvis Garcia, do Valdir, o meu caso, e da própria Marina que é uma pessoa assim de mente muito aberta, foi um...A ECA perdeu muito com isso.

Então a ECA deixou de poder ter um curso, de poder ter um momento em que todos os alunos estivessem juntos porque os professores deixaram de se conectar. Os professores não tinham mais condição de conversar. Então a gente não se cruzava mais.

Eu fui dar um curso em São Luís do Maranhão e foi muito interessante porque, eu estou jantando e tem outra professora jantando com uma professora que eu conhecia daqui chamada Yolanda Lhullier dos Santos. Mas ela está conversando com a Yolanda e a Yolanda não me apresentou e eu fiquei de lado. Daí, estou esperando para dar minha aula a noite lá em São Luís e a professora está sentada aqui. Conversa vai, conversa vem, daí ela falou “*Você dá aula onde?*”, eu falei “*Dou aula na ECA*”, ela falou “*Que interessante, eu também. Há quantos anos que você aula na ECA?*”, daí eu falei o número de anos e ela falou “*Eu também*”, fazia um par de anos. Nós não nos conhecíamos, como a gente não conhece hoje a maioria dos professores daqui, sabe. Então, na verdade a ECA ficou toda dilacerada. A gente não se conhece, não sabe dos problemas do outro, então é por isso que hoje os departamentos brigam entre si.

O Timochenco Wehbi, o nosso grande sonho era fazer alguns projetos onde nós pudéssemos fazer o cruzamento dos vários conhecimentos. Então o Timochenco apareceu com um projeto, eu não tenho os dados agora, mas chamado “O pedestre”. Nesse “O pedestre”, eu dava aulas de artes gráficas na época, então eu fiz toda a parte gráfica da peça. O Waldir Ferreira fez toda parte de lançamento da peça. Outros professores foram fazendo trabalhos de linguagem, de adaptação da linguagem porque era um texto antigo. Então assim, de repente nós tínhamos no conjunto para fazer esse Pedestre dez professores de áreas diferentes. Então esse era nosso sonho. De você mostrar que comunicação é uma integração, não é uma coisa separada que o jornalista fala uma coisa, o profissional de relações públicas outra, o publicitário outra. Não, existe uma organicidade em cima disso. E até para mostrar que tanto Comunicação quanto Artes, um faz parte do outro, um não pode viver sem o outro.

Carol: Entrando nessa questão de comunicação e arte, o senhor poderia dar sua opinião em relação a esses boatos de separação para criar um Instituto de Artes, para criar a Escola de Comunicação, como o senhor vê essa situação?

Coelho: Pois é, né. É muito interessante como a gente vê as coisas. A nossa visão de professor não é uma visão institucional, é uma visão muito pessoal. Quer dizer: O que isso vai facilitar a minha vida, vai me favorecer em algum momento? Claro que vai, sabe, se você divide. Porque daí você não está pensando na instituição, se divide o dinheiro que a USP recebe do ICMS é o mesmo, então você vai ter que fazer com que a fatia do bolo seja cortada mais uma vez. Porque você vai ter que contratar mais funcionários, vai ter que ter mais prédios, vai ter que ter mais professores, vai ter que ter mais funcionários e mais seguranças e mais isso e mais aquilo. E você está quase que duplicando um custo. Mas não é isso que as pessoas estão vendo. As pessoas estão vendo *“Bom, eu vou ter chance de ser diretor”, “Eu vou ter chance de ser assistente técnico-acadêmico ou assistente técnico administrativo”* e assim por diante. Então é do ponto de vista administrativo que as pessoas estão vendo. Agora do ponto de vista institucional ninguém está vendo nada. O que nós vamos perder com isso? Ninguém está querendo saber se nós vamos perder ou não. Ganhar nós vamos ganhar? Não, nós vamos perder.

Aqui foi feito um filme que teve algum sucesso que foi *“As três mortes de Solano”*. Já na época eu fiz uma crítica que o Peñuela não gostou, que ele foi o produtor do filme. O Peñuela vai e contrata o Stênio Garcia pra ser o astro do filme. Bom, você tem que contratar uma pessoa que realmente esteja ali na crista da onda, foi o Stênio Garcia. Mas você não precisa contratar coadjuvantes se você tem um curso de Teatro e tem a Escola de Arte Dramática. Foram contratados. Você não precisa contratar uma agência de propaganda para fazer o tijolinho pra colocar no jornal. Foi contratada. Você não precisa contratar uma agência de relações públicas pra fazer o lançamento do filme. Foi contratado. E nem precisa contratar um assessor de imprensa, porque você tem o curso de Jornalismo aqui. Também foi contratado. Então, não dá pra você imaginar o filme sem essa área de Comunicação. E a área de Comunicação se alimenta nas Artes. Não é só a tecnologia. Tanto assim que nós temos o Caderno 2, a Ilustrada, todos os lugares nós temos alguma coisa de arte. Todas as vezes que você vai fazer algum acerto político com outro país a primeira coisa que aparece é educação e arte. Então não é possível uma coisa viver sem a outra. Eu acho que a nossa grande vantagem, que as pessoas

inclusive nos cursos que eu fui do exterior acham que a nossa grande vantagem é essa. Eu fui, visitei uma universidade em Gainesville, nos Estados Unidos e falei como é a nossa organização e eles ficaram abismados. *“Olha que coisa interessante. Aqui pra gente fazer alguma coisa desse tipo nós temos dificuldades porque nós temos um curso de fotografia, temos um curso de Jornalismo e depois nós temos que juntar. E vocês já tem tudo isso junto”*. Mas nós não sabemos administrar essas coisas.

Eu fui ajudar a montar um curso de Comunicação e Artes em Moçambique. O curso lá chama ECA também. E eu espero que eles não tenham mudado porque as coisas eram muito interessantes. E o curso foi criado, foi montado em cima de linguística. As pessoas são muito boas em linguística. São 11 etnias, falam 11 línguas diferentes e eles se entendem. E a gente aqui não consegue se entender com 8 departamentos.

Carol: O senhor acha que essa fragmentação, esse não entendimento dos departamentos tem alguma coisa a ver com a questão da divisão dos prédios ou não?

Coelho: Ah, tem, tem. Eu acho que essa feudalização que o Ferri foi obrigado a fazer... Então nós estamos colhendo os frutos desse período. E o pior é o seguinte, os professores que estão entrando agora e que não tem essa ligação afetiva com a ECA, que veem a ECA somente como um local de trabalho, eles só vão ver um lado da questão, não vão vê-la de uma forma macro. Quer dizer, aquilo que é importante pra cultura brasileira.

Quando eu fiz um artigo que foi publicado no Jornal da USP, eu tinha colocado que a divisão da ECA era um desserviço à cultura brasileira, acharam que estava exagerado. Não está exagerado, porque todas as bobagens que nós fazemos aqui refletem, as coisas boas também. Agora, nós vamos continuar fazendo bobagem, para que depois as pessoas repliquem essas bobagens aí fora. Mas infelizmente o meu argumento não venceu.

É muito complicado, eu acho que nós precisamos fazer com que isso daí volte a ser pensado, volte a ser discutido e que a gente veja aquilo que é importante

Carol: Como a ECA colaborou para sua formação profissional?

Coelho: Ah, a ECA não colaborou só na minha formação profissional. Eu acho que muito mais na formação de vida. Não foi nem a ECA, foi a USP inteira. Porque eu

comecei a trabalhar com a parte de artes gráficas amadoristicamente com 14 anos. Então na minha cidade a gente fazia poesia e depois ia pra gráfica compor e depois sair numa revista chama Cineandra. Que as pessoas às vezes iam pro cinema pra pegar a revista e não iam assistir filme. Mas a revista era interessante. Então eu comecei a ver a parte de artes gráfica lá que foi por onde eu entrei aqui na USP.

Mas a relação que eu tive com os colegas aqui do departamento e com os colegas de fora, de uma universidade anterior. Quer dizer, de uma universidade que não era simplesmente um local de profissionais, mas eram pessoas que estavam imbuídas de que o trabalho que estavam fazendo aqui é um trabalho que é importante pra nação, que é importante pro país, que tem responsabilidade social. E a pessoa que não está interessada somente em chegar no final do mês e receber o seu salário, mas saber o que o conhecimento dele gerou aqui dentro. Isso foi muito importante, principalmente, a partir de 76, conviver com os colegas da FUVEST, onde a maioria das pessoas é da área de ciências exatas. É um pessoal que tem muito a ensinar pra gente, eles conseguem ser mais lógicos do que a gente, então coloca você no local e faz com que você pense muito mais naquilo que está fazendo.

Então eu acho que eu só tenho a agradecer aqui, só tenho a agradecer. Minha mulher diz que eu casei com a USP e sou amante dela. Que bom, né! Então é a USP e depois a família. É claro que não é isso, mas é que algumas vezes a gente exagerava. Quando eu era responsável pela gráfica era, veja bem como que era diferente. Nós pegamos um serviço para fazer pra universidade que, pelo estatuto a universidade tem que fazer um anuário a cada final de ano pra distribuir. E a universidade não tinha dinheiro, daí nós assumimos esse papel. Nós vamos fazer esse anuário em quatro volumes. Mais de mil páginas. Nós tivemos funcionários que ficaram uma semana sem ir pra casa. As mulheres vinham aqui fazer visita e trazer roupa pra pessoa trocar de roupa, sabe. Morava em Itapevi, Dirceu que hoje está trabalhando aí. O Luís, que se aposentou, o Carlos, que trabalha no expediente, eles tem essas histórias que são interessantíssimas. Eu me recordo que o Dirceu dormia dentro de um arquivo, porque a máquina não podia parar.

Então era diferente, a pessoa vestia a camisa. Eu também ficava aí com o pessoal, minha mulher também trazer... A gente fazia churrasquinho dentro da gráfica, porque as máquinas não podiam parar.

Então as coisas eram diferentes. Era muito mais de você por a camisa, de você suar junto, saber que aquilo era importante. E a gente sabia que aquilo era importante pra instituição e era importante pro país, porque essa sempre foi a melhor universidade do país.

Carol: E você acha que isso se perdeu porque?

Coelho: Então, eu acho que isso se perdeu na medida em que a universidade foi criando aquilo que os professores e funcionários pediram, o Plano de Carreira. Então ele foi criando também inimizade. Eu me recordo que até 1975 a gente tinha um inimigo em comum que era a Ditadura. Então toda a nossa briga era contra a Ditadura, era contra quem representasse a ditadura. Depois que o Vlado morreu, depois que o Figueiredo teve que começar a fazer a abertura e o Geisel veio e também fez e assim por diante, a gente foi perdendo o inimigo comum. Então como veio o Plano de Carreira, o inimigo era aquele que podia subir na sua frente. Então aos poucos a gente foi sendo contaminado por essa coisa muito pessoal e muita vontade de você querer subir.

Então professor é querendo rapidamente fazer a carreira pra não permitir que o outro consiga o título na frente dele porque se consegue numa disputa o outro vai ganhar. E a mesma coisa com funcionário. Funcionário agora não vê mais a universidade como, vamos falar como o professor Virgílio usava né, como sacerdócio. Então a pessoa vê hoje como um local que ela precisa vencer, então eu entro aqui e quero ser técnico administrativo e pronto. Se tem alguém que possa concorrer comigo, então eu vou passar por cima dele.

Carol: O senhor durante anos foi responsável pela grade curricular do curso de jornalismo. O senhor poderia falar um pouco a respeito?

Coelho: Eu não fui bem isso, sabe. Eu fui responsável, mas por uma grade curricular que eu infelizmente sempre fui contra. Não que fui contra porque a grade não fosse boa, mas porque eu acho que ela não fazia parte do nosso estilo.

Em 1989, 90, o professor José Marques de Melo, Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho, Bernardo Kucinski e Jair Borin, mais um professor que eu não me recordo, e eu éramos responsáveis pra fazer uma mudança de estrutura curricular. Os cinco colegas fizeram uma estrutura curricular e eu fiz sozinho uma outra. Essa minha estrutura curricular tinha como base a taxonomia dos objetivos educacionais de bloom, isso com

base pedagógica e com base didática, que eu acompanho, uso até hoje isso, sou um fã de carteirinha do Carl Rogers, que é o ensino centrado no estudante.

Então eu apresentei isso e os outros cinco colegas apresentaram um outro tipo. Esse outro tipo era muito interessante, porque o Bernardo Kucinski foi pra Inglaterra, a Jeane Marie foi para o exterior e todos eles foram em 87 pagos pela universidade justamente para verificar, isso daí foi uma grande coisa que o Goldemberg fez, os professores foram em 87 pro exterior pra trazer experiências didático e pedagógicas do exterior.

O Bernardo foi e trouxe uma coisa maravilhosa, sensacional, mas que não serve pra gente. Que é essa de você chegar e ir fazendo escolhas durante todo o seu percurso nos quatro anos de jornalismo. Claro que a escolha tinha que ser, como a gente sempre imaginou, uma escolha que não tivesse uma limitação de vagas. Então eu me lembro que não primeiro ano eu dava aula no Jornal do Campus eu tinha 70 alunos e o pessoal da área de eletrônica, jornalismo Televisado e Jornalismo Radiofônico, só tinham 10. Porque lá eles não tinham uma coisa mais palpável para apresentar e nós tínhamos esse projeto que está aí até hoje, que a pessoa está sentindo que esse projeto existe, que ele está fazendo alguma coisa que vai dar pano pra manga.

Em 1990 eu e o Ciro fomos forrando as paredes aí, o Ciro defendendo a estrutura curricular que está aí até hoje toda dilacerada e eu dizendo que não ia dar certo. Agora não que eu quisesse que não desse certo. Eu sempre achei que não fosse dar certo porque não faz parte da nossa cultura educacional. Hoje ninguém mais é pai do plano desse projeto editorial que está aí, que já tem 24 anos, porque ele foi sendo costurado porque *“Ah não está certo aqui? Então vamos adaptar aqui, vamos adaptar ali”*. Quer dizer, toda aquela divisão lindíssima que a gente tinha que realmente era legal, mas que não serve para gente, desapareceu. Então hoje a nossa estrutura curricular é uma estrutura muito linear.

Eu apresentei um outro projeto em 2002. De 2002 para cá esse projeto foi aprovado duas vezes, mas não foi implementado. Porque a implementação depende dos professores e dos alunos. E os alunos e os professores fizeram um movimento contra, apesar de ter sido aprovado no conselho. Porque ninguém tem que fazer contra o projeto, porque ele está amarrado. Agora se o professor não quer implementar aquele curso, porque ele tem que ceder uma parte dele.

Nós tivemos um professor, por exemplo, que a disciplina dele ia pro 5º semestre e era uma disciplina muito importante, que discute Teoria da Comunicação. Não adianta você dar Teoria da Comunicação agora porque a pessoa não vai entender, ela vai decorar. Quando chegar no final, a hora que ela sabe fazer e entender aquilo que ela está fazendo, como eu citei o caso da Regina Duarte, não vai entender nada, porque já esqueceu aquilo, aquilo lá só escutou pra passar. Então a alegação do professor era “*Eu não quero ir pro 5º semestre porque eu vou perder audiência*”. Poxa, não é pra isso que a gente está aqui. A gente não existe pra isso, pra ter audiência, nós não somos performáticos. Nós não estamos aqui pra fazer espetáculo, nós estamos aqui, eu acho que pra ir oferecendo para as pessoas o conhecimento que elas, de acordo com os valores delas, vão filtrar aquilo que interessa e aquilo que não interessa. Agora, quando você tem uma atitude desse tipo, você está obrigando a pessoa a engolir aquilo que você fala e a gente precisa que as pessoas tenham mais, já pela profissão que eles abraçaram, que eles sejam mais críticos, que eles tenham mais argumentos.

Eu tenho um cd do Jornal do Campus.. Depois se vocês acharem interessante

Carol: Achamos, por favor.

Coelho: Não está com boa qualidade, mas quebra o galho.

Carol: É, porque na biblioteca não tem o acesso muito livre né.

Coelho: É.

Carol: É, eu fui até lá.

Coelho: Mas tem uma tese sobre o Jornal do Campus. Uma tese não uma..

Carol: Eu fiquei sabendo de um livro comemorativo.

Coelho: Tem, tem uma edição comemorativa, que infelizmente as que sobraram jogaram fora.

Carol: Mas não tem na biblioteca.

Coelho: Tem.

Carol: Eu não achei. O Gilberto da biblioteca disse...

Coelho: Então cobra a Leandra, a Leandra deve ter arquivado. Bom é...

Carol: O projeto da grade curricular...

Coelho: Bom, o projeto da grade curricular, ela leva muito em consideração a Taxonomia de Bloom. Que a Taxinomia de Bloom primeiro fala assim, olha a pessoa aprende mais ou menos por acúmulo de conhecimento, então a primeiro coisa é você oferecer conhecimento. Mas se a pessoa se já tem aquele conhecimento, não há porque ela ficar repetindo. Então você tem que dar liberdade e falar assim, *“Olha, você já tem esse conhecimento, mas tem uma disciplina optativa ali legal toda vida, então vamos fazer essa substituição”*. Pra você saber se a pessoa tem aquele conhecimento, claro que toda disciplina tem um projeto, eu saio daqui, e quero chegar ali, então você faz no início, isso já é possível pelas diretrizes curriculares e pelos parâmetros curriculares nacionais, você faz uma prova no início do ano. Olha, todas as disciplinas vão fazer uma prova, quem conseguir tirar nota sete nessa prova, sete ou mais, está dispensado da disciplina e vai receber os créditos. Ele já sabe! E vai ter liberdade pra fazer uma disciplina optativa.

Então começava por aí. Quer dizer, você reconhecer que as pessoas já tem conhecimento. E as primeiras disciplinas são disciplinas de conhecimento. Depois vem disciplinas de aplicação. Eram disciplinas onde você vai pegar, por exemplo, você assistiu uma disciplina de Fotografia, você vai ter fotojornalismo, você vai pegar a técnica fotográfica e aqui você vai fazer a aplicação dela. Você teve Artes Gráficas, você vai aplicar isso em Diagramação, e assim por diante. Depois da aplicação você vai fazer uma avaliação. Então eu vou conseguir chegar, aquilo que eu fiz eu vou conseguir avaliar, quer dizer, eu tenho parâmetros pra fazer essa avaliação? Então todas as disciplinas de avaliação.

Disciplinas de avaliação é você também fazer o Jornal do Campus, é você fazer o Boletim de Agência, porque você está aplicando, você já passou pela aplicação, você está aplicando aquilo que você conhece e você está avaliando aquilo que você fez. Depois a de síntese. Quer dizer, você consegue pegar as coisas que você escreveu, que você fez, você consegue resumir em poucas palavras? Na verdade, o que você está querendo é assim: você consegue guardar aquilo tudo que você aprendeu? Você sintetiza tudo aquilo que você aprendeu e que você vai desarquivar no momento que

você precisa. Então seria o Trabalho de Conclusão de Curso, uma disciplina de metodologia da pesquisa.

Isso daí do ponto de vista taxonômico. Do ponto de vista de divisão das disciplinas, a gente teria um conjunto de disciplinas que a gente está chamando de conhecimento, feitas nos dois primeiros semestres, que seriam ligadas a tudo que você vai precisar pra aplicar nas disciplinas laboratoriais. E concomitante a essas disciplinas você teria o conjunto de disciplinas de linguagem de tal forma que elas fossem evoluindo, e essa evolução fosse de acordo com aquele conjunto de disciplinas de conhecimento e aplicação e o conjunto de disciplinas de análise e síntese.

E também o outro conjunto de disciplinas seriam disciplinas optativas. Só que as disciplinas optativas seriam todas oferecidas em um ou dois dias da semana. O projeto era esse, quer dizer o horário delas. Porque? Porque daí você teria, as disciplinas optativas seriam concorrentes entre si. Eu ofereci uma disciplina chamada “Metodologia da Pesquisa em Jornalismo”, fiz em dois anos. No primeiro ano eu tive 5 candidatos, só um terminou. No segundo ano que eu ofereci a disciplina, que pra mim eu acho que ela deveria ser obrigatória, apareceram 8 candidatos. Quando eu falei das exigências da disciplinas, e era uma quinta feira a noite né, então a minha concorrência com a Quinta e Breja não deu pra... Todo mundo trancou a disciplina eu fiquei sem nada.

A disciplina que não tem demanda desaparece. Você vai por outra no lugar. Tem uma disciplina que a gente tinha planejado, quando a Tânia estava aqui, que é uma disciplina que estuda a teoria do jornalismo através dos filmes de jornalismo. Então, tem um programa feito. Agora, está ali, é um negócio pra você chegar e fazer. Ocupar o Freitas Nobre, e vai ser tanto uma coisa lúdica, pra quem quer ver filme só, tanto pra quem quer ver a disciplina, porque daí você vai discutir. Chegar e pegar e pegar lá o Quarto Poder e discutir aquilo que o Marc Paillet chamou de quarto poder e que hoje nem se estuda mais aqui na ECA. E assim por diante. Então era basicamente isso, de tal forma que ela se adapta a qualquer necessidade. Se aparece uma tecnologia nova, o currículo está aberto para isso, quer dizer, ela não é fechada.

A gente tinha colocado também como disciplinas, ao invés de você colocar “Sociologia da Comunicação”, você tinha “Retratos do Brasil”, que é você estudar a Sociologia da Comunicação em cima de realidade brasileira. Então essa disciplina parece que vai ser mantida nessa estrutura curricular que vai aparecer. Então em vez de você chegar aqui e

só trabalhar com a fundamentação, é você trabalhar com a fundamentação e com aquilo que estivesse mais perto de você. Quer dizer, que é a sua cultura. Então a estrutura foi essa. Que não ganhou.

Carol: Ok. Falando em parte prática e projeto, o senhor tem o projeto do Jornal do Campus, que existe há muitos anos aqui na ECA. O senhor poderia falar um pouco sobre o começo do jornal? Como que nasceu essa iniciativa? De onde veio a ideia?

Coelho: Pois é, o jornal me emociona muito. Por muitas coisas. Primeiro porque nesse jornal eu conheci pessoas sensacionais. Eu conheci, por exemplo, o Nelson Breve Dias, mas antes de falar do Nelson Breve Dias, do pessoal, eu vou dizer como era no meu tempo de estudante.

No meu tempo de estudante, aqui a gente tinha a disciplina “Agência de notícias”, que foi criada pelo professor Freitas Nobre e depois ela foi administrada pelo Torquato. Eu fui monitor dessa disciplina durante todo o período que eu passei aqui. Então, o Torquato é um ano mais novo do que eu e o José Marques é um ano mais velho do que eu. A gente sempre umas brigas e tal, mas aquelas brigas de amigo. Apesar de eu ser aluno, o Torquato professor e o José Marques professor, a gente sempre se deu como amigo. Não era aquele amigo de um visitar a casa do outro, mas como a gente vivia muito tempo aqui, eles também casaram, principalmente o José Marques casou antes com a ECA, depois ele se divorciou com a ECA. O Torquato se divorciou antes né, então eles viviam aqui e nossa vida era muito aqui. Então a gente brigava, mas depois saía os três de novo conversando. Um ia lá falar “*Desculpa eu fiz isso, desculpa eu fiz aquilo*”. Mas tudo bem.

Bem, quando o jornal, não existia jornal. Daí a gente resolveu, na época em que o Ethevaldo Siqueira estava aqui, fazer um jornal. Eu me recordo que o primeiro jornal do laboratório chamava “O Jornal” e que foi interessante, que foi, eu batizei sem querer. Porque o Ethevaldo já era um...O Ethevaldo e eu éramos funcionários do Banco do Brasil, só que o Ethevaldo já trabalhava no Estadão. Então talvez por essa afinidade que a gente tinha também, eu dei uma sugestão, e você sabe como é reunião de estudante né? Fica todo mundo enebando, enebando, até que daqui a pouco. Então, já que todo mundo trabalhava, então “*Ah vamos botar esse nome de O jornal*”. Então ficou um tempo aí.

Depois, a gente chegou à conclusão que o jornal deveria ser uma atividade política. Então resolvemos, o Jair era professor, com a Cremilda, de fazer o jornal em Carapicuíba. Então a gente mandava os alunos pra Carapicuíba. Então Maurício Ielo, faleceu muito jovem ainda, e várias outras pessoas que acabaram trabalhando no estádão, pegavam o trem aqui e iam pra Carapicuíba. Não saiu nenhum número do jornal porque a gente acabava sendo assistente social. Então a gente fazia o concurso com os alunos, levava caderno, falavam *“Tem um menino lá que está magrinho”*, levava comida e assim por diante. O jornal não saía.

E assim continuou, até que em 76 a gente fez o jornal de Embura, também um número só, que mereceu um editorial da veja dizendo que a escola deveria fechar porque não dava condição para que as pessoas fizessem mais de um jornal por semestre. Mas o jornal Embura, quando ele apareceu, ele apareceu num período importantíssimo da ECA. Os professores haviam sido cassados: com cassação branca, como aconteceu com o Sinval Medina, ou cassação mesmo como aconteceu. Cassação branca também como aconteceu com o José Marques, eles não renovam o seu contrato e pronto, quer dizer *“Não é que eu, eu não te cassei, eu só não renovei o seu contrato”*. E outros professores que foram presos. A cassação branca, por exemplo, é uma coisa esquisitíssima, eu me recordo que o Freitas Nobre era deputado, professor da casa e procurador da justiça. E existia na constituição, um artigo dizendo que o procurador de justiça, se ele trabalhasse numa outra instituição pública de ensino, isso não seria acúmulo de cargo. Quando foi pra renovar o contrato do Freitas Nobre, não permitiram, porque era acúmulo de cargo. Então beleza, mandamos né *“Olha, desculpe, mas está escrito aqui na constituição isso”*. Sabe o que voltou pra gente? A constituição não se aplica à Universidade de São Paulo. E está com o José Marques, eu dei pro José Marques os documentos. *“Constituição não se aplica à Universidade de São Paulo”*, olha só que beleza. Quer dizer, nós somos mais que o Vaticano.

Então, o jornal ele apareceu num momento importante porque nós não tínhamos os professores, os professores que foram cassados. Para gente não permitir que a Ditadura colocasse o corpo docente dela, só que pra colocar o corpo docente deveria ser aprovado pelo Conselho de Departamento. Então o que fizemos nós? Nós assumimos todas as disciplinas do departamento. Todas! E convidamos outros colegas pra dar aula aqui de graça. Foi aí que veio o Vlado.

O que acontece? Eu dava 44 horas de aula. Eu dei uma disciplina chamada Rádio Jornalismo. Rádio Jornalismo! Fizemos um livro que não foi publicado. Chaparro era meu aluno! O Chaparro era meu aluno e muita gente importante daquela época. Dividimos o corpo docente em projetos e fomos atrás desses projetos. E o jornal do Campus apareceu. Só tinha eu de professor e foi a partir daí que eu acabei ficando sozinho né, tive um período a ajuda do **Manete** até a morte dele, mas depois eu sempre fiquei mais tempo sozinho do que... Bom, o jornal de Embura apareceu e a gente resolveu fazer um jornal num patrimônio em que os posseiros daquele local, a Embura fica aqui em Parelheiros, estavam sendo expulsos por outros posseiros, de uma família chamada **Falette**. Então essa família Falette estava expulsando os posseiros e se apossando das terras, porque as pessoas não podiam brigar porque não tinham a posse regular. E a gente descobriu infelizmente que a Secretaria de Segurança pública estava por trás e que o chefe da segurança pública era o Erasmos Dias. Isso em 76, só que em 75 o Vlado tinha sido, ele já era mais professor da casa, ele foi convidado. O Vlado deu aula por um semestre. O Walter saiu, entrou o Vlado. Então o Vlado deu aula aqui um semestre, em julho ele foi convidado pra ir pra Tv Cultura no lugar do Walter Sampaio que havia pedido demissão. Ele foi e em setembro, outubro ele foi chamado pra prestar depoimento no DOPS. Ele foi tranquilo, falou *“Vou lá prestar depoimento”* e aconteceu o que todo mundo já sabe e está aí narrado que ele foi enforcado.

Em 76 aconteceu mais ou menos isso comido. Eu fui chamado pra prestar depoimento por causa do jornal de Embura. O jornal estava pronto na nossa gráfica só que não estava distribuído. E a gente não colocou expediente, quer dizer, não tinha o professor responsável e nem o nome dos alunos. A chefe de departamento de então a professora Helda Bulotta Barrado, falou *“Olha, chegou esses documentos aqui você precisa ir pro DOPS se explicar por causa do jornal”*, eu falei *“Tá bom”*. Não tem jeito de falar que não, tem que ir. Só que comigo, o único professor que resolveu ir foi Gaudêncio Torquato do Rego, ele falou *“Eu vou com você, você vai ficar calado e deixa que eu falo”*. Quando eu chego lá, vem o Romeu Tuma, senador que faleceu, veio com o jornal e falou *“Esse jornal vocês que fazem?”*, eu falei *“Sou eu o responsável por ele”*, *“Você que é o tal de Coelho?”*, *“Ah, sou eu sim, mas como o senhor sabe?”*, ele falou que estava escrito em cima. Então alguém pegou daqui e levou pra ele.

Então eu fui, eu e Torquato ficamos lá a disposição tanto do Romeu Tuma quanto do Coronel Gaia. Mas nós tivemos uma sorte tremenda, que no mesmo dia em que eu fui

pra lá, o delegado Fleury também foi, daí o secretário ficou junto com o Fleury. Daí chegou depois de umas duas horas, duas horas e pouco o Romeu Tuma voltou e falou, *“Olha o secretário ia falar com vocês, mas não vai mais falar porque vocês perto do Fleury não são nada”*. Eu falei que bom né. Ele falou *“Vocês podem ir, mas uma coisa, esse jornal não pode ser distribuído, porque se for distribuído não adianta você se esconder que nós vamos te achar”*. Eu falei, tá bom. Na hora que eu cheguei aqui o jornal já tinha sido distribuído. Então, felizmente não aconteceu nada demais, tanto assim que eu estou aqui. Mas eu acho que eu devo muito ao Torquato, porque se ele não tivesse ido comigo eu não sei o que poderia ter acontecido. Porque o Vlado foi sozinho, ele não quis ninguém, sabe. Eu fui com o Torquato e eles não podiam dispensar o Torquato pra eu ficar. Então que acabaram dispensando os dois e praticamente um ano depois do que aconteceu com o Vlado. Então eu devo muito ao Torquato. É uma pessoa assim, que eu tiro o maior... é um cara muito legal pra mim. Quando ele precisa de alguma coisa eu paro tudo e vou fazer. Porque eu acho que eu devo muito a ele, inclusive a minha vida.

Carol: Pode falar um pouco mais sobre o Torquato?

Coelho: Posso, posso. Falar o que do Torquato? No período em que ele ficou aqui, ele foi uma pessoa que se dedicou imensamente, só que quando ele saiu ele saiu mesmo, né, ele não voltou. Ele aceita todos os nossos convites para participar de banca, tanto assim que foi da minha banda de titular. Só tinha eu de candidato, então não foi...Eu acho que ele aceitou justamente por causa disso, porque só tinha um candidato. Mas sempre foi uma pessoa que se dedicou muito a escola no período em que ele ficou aqui. Então ele é uma pessoa que eu acho muito especial.

E depois, ele reconhece que se ele venceu na vida, ele deve muito à Universidade e à Escola. Porque foi ela que permitiu que ele se aprofundasse naquilo que ele é bom hoje que é Marketing Político. E ele e o Chaparro foram sócios, eles construíram um campo que hoje em dia é importantíssimo que é o campo do Jornalismo Empresarial e Organizacional. Quer dizer, tudo isso que a Margarida hoje está fazendo boa parte foi plantado pelo Torquato e pelo Chaparro. Inclusive a Margarida reconhece isso.

Carol: Agora voltando pro Jornal do Campus, aí teve o jornal de Embura que teve o problema...

Coelho: O jornal laboratório, ele sempre teve muitos problemas até a gente chegar em mais ou menos isso que está hoje. O primeiro problema é que nós chegamos à conclusão que a gente deveria fazer do jornal uma área interdisciplinar. Então vários professores iam ao mesmo tempo fazer o jornal, chegamos a ter oito professores no jornal. Oito. E era uma confusão muito grande porque cada professor dava a sua versão da coisa. Quer dizer, se você vai discutir com o Bernardo Kucinski, ele tem uma versão de jornalismo, uma visão que antes eu não concordava com ele e que agora eu concordo, que Assessor de Imprensa não é jornalista. É uma outra atividade. Eu sempre discuti com ele que era, agora eu concordo com ele que não é. O Chaparro tem uma outra posição, que Assessor de Imprensa é jornalista, eu sempre fui a favor do Chaparro. Então você vê que eu sou... Tinha o Maneti, que tinha uma visão totalmente empresarial. O conceito de pauta do Manette é diferente do conceito de Pauta do Bernardo e do Chaparro. E tinha ainda o Jair Borin, que trabalhava muito com um jornalismo engajado, que era muito próximo do Bernardo, mas separado do Chaparro e separado do Manette. E depois, eu sempre reconheci que a minha área, Artes Gráficas e Diagramação, ela era acessória, não tinha que brigar. Agora tinha que brigar pelo prazo de fechamento. E tinha um outro professor, primeiro foi o **XXX Berger**, depois foi o outro professor, não me recordo o nome dele, de fotojornalismo. Então imagine todo mundo, 6, 7, nós chegamos a ter 8 professores, a disposição de 30 alunos. Era uma barafunda danada, porque o aluno chegava assim “*Mas eu conversei com o Jair Borin e ele não disse isso*”. Daí o Jair Borin ia tirar satisfação com o Chaparro. O Chaparro ia tirar satisfação com o Bernardo, virou aquela barafunda.

Até que as coisas foram sendo diluídas. De repente nós ficamos em 3, de repente ficamos em 2 só, eu e o Manette. E eu e o Manette já tínhamos trabalhado juntos na Revista Ciência. Nós fizemos a Revista Ciência que o Jair Borin foi o primeiro da revista, ainda na época chamada Revista k. Nós pegamos a revista e transformamos em Revista Ciência e essa Revista Ciência ela tinha como projeto divulgar as coisas da Universidade, as pesquisas da Universidade. Então eu e o Manette fizemos 14 números dessa revista em colaboração com a Secretaria da Educação. Então a revista era distribuída para os professores do ensino médio. Mas não durou muito porque o secretário saiu e nós ficamos com 12 revistas fechadas e sem dinheiro. Então nós já tínhamos trabalhado juntos. Então eu e o Manette trabalhamos por um período juntos, ele fazia a parte de edição de texto e eu fazia a parte de diagramação, fotografia e toda

outra parte de Artes Gráficas. E ficamos aí um tempo até o Manette falecer. Depois que ele falecer, então eu fiquei só, fazendo as duas parte. Então o Jornal da Campus vem vindo nisso.

Agora o Jornal do Campus foi importante porque ainda quando o Chaparro era professor, eu vou contar a história rapidinho de um aluno. Então um aluno chegou, era funcionário do Bradesco, ele chegou e falou *“O banco vai me dar uma gerência então eu vou trancar minha matrícula na escola, vou pra gerência, vou ganhar dinheiro, depois eu vou voltar e vou aplicar tudo que eu puder em mim, sabe?”* O cara já maduro e tal. E foi isso que ele fez. Ele saiu, cinco anos depois ele voltou, e na época isso era possível, aí voltou. Ele voltou só pra estudar. E fazendo o Jornal do Campus descobriu o seguinte em 87, a segurança da USP estava achacando alguns casais. Então um casal aí, era um casal que não era um casal, né. Na verdade eram três casais que saíam um daqui... Então era questão de traição, de marido, tal, não sei o que. Então o cara ficava de butuca, chegava na hora e *“Vocês estão em atitude suspeita. Pra eu ficar calado é 200 pilas”*. Então ficava por aí. Então se descobriu, mas ninguém quer abrir a boca, ninguém quer abrir o bico, porque se eu estou traindo a minha mulher e se eu apareço no jornal, eu tenho que falar com quem eu estava. Até que descobriram um casal que não tinham nada, se não me engano eles eram separados e estavam namorando tal, o cara foi e aceitou, o cara foi embora e a gente denunciou no Jornal do Campus.

Goldemberg recebeu, destituiu toda segurança da USP. Toda, inteira! Daí as pessoas entraram armada aqui na redação do Jornal do Campus procurando quem era Nelson Breve Dias. Daí as pessoas né, ninguém falou que era o Nelson Breve Dias, daí algumas pessoas falaram *“Eu sou o Nelson Breve Dias”*, aí *“Eu sou o Nelson Breve Dias”* aquela brincadeira tal, só sei que os caras saíram desmoralizados e esqueceram. Só que pro Nelson, foi o DNA dele, hoje ele é o diretor da EBC, diretor da Empresa Brasil de Comunicação, quer dizer, a coisa mais importante que existe, eu acho, na área de comunicação do governo. E o Nelson Breve Dias foi a pessoa que fez essa coisa no Jornal do Campus.

O Jornal do Campus também a gente passou por aqui o João Rodarte, ele acabou de vender a empresa dele a CDN, por muitos milhões de dólares. Uma pessoa que passou pra cá. Um outro que passou pelo Jornal do Campus é o Alcides Ferreira que hoje um dos consultores mais importantes na área de finanças do país. E além disso são mitos

professores. Tem o Milton Campos que hoje é professor lá na Universidade de Montréal. **Magda Shenawee**. O Alcides Ferreira fez uma matéria chocante, porque quando estavam construindo o teatro na Universidade aqui, o teatro, eu não sei se vocês já ouviram, o teatro na EAD, os peões entraram numa briga por causa de namorada, de mulher e tal. E um deles matou o outro, tirou toda a roupa dele, cortou o sexo dele e deixou ele em exposição com a perna aberta. E o Alcides foi lá fazer a matéria, fotografou. Foi assim, uma coisa chocante. Mas pra ele, ele viu que não era a área dele, então ele foi pra área...Mas uma pessoa extremamente equilibrada.

O Jornal do Campus fez aqui uma matéria muito interessante que é sobre a qualidade da comida na USP, feita pelo Alcides Ferreira também. Ele foi internado, porque ele experimentou a comida de todo mundo e foi internado, ficou acho que três dias no HU. A gente fez uma outra que nós trouxemos aqui o Sílvio Lancellotti quando ele tratava de cozinha. Ele fez uma matéria sobre a comida no Crusp que foi assim, ontológica. Então nós temos muitas coisas interessantes no jornal, muita coisa interessante.

Carol: Vocês chegaram a cobrir o incêndio no CCA?

Coelho: Ah meu deus do céu, esse incêndio é muito complicado. A gente cobriu o incêndio, mas o problema o incêndio, não foi a cobertura. Porque ninguém abriu as portas. Quer dizer, a gente não conseguiu apurar. Então, no incêndio, já que você está falando e é sobre a história. Então no incêndio, a gente descobriu, mas não conseguiu provar, que na véspera todos extintores foram mandados pra recarga. Quer dizer, como que você manda todos os extintores pra recarga? Então já é complicado. E o grande impasse era esse, como que aconteceu o incêndio quando não tinha extintor? E tinha extintor ou não tinha extintor? E ficou nisso, nós não conseguimos descobrir as coisas. Mas foi o que aconteceu, foi onde nós procuramos e fizemos a cobertura, mas aquela cobertura muito factual, sem aprofundar, sem fazer jornalismo investigativo.

Aliás, jornalismo investigativo, essa sala foi a primeira sede da Abraji porque a Abraji nasceu aqui dentro, em 2012...2002. Nasceu dentro dessa sala e depois o martelo foi batido no Freitas Nobre. Então a Abraji nasceu aqui. Por isso que essa escola é importante. Hoje a Abraji é a associação de jornalismo mais importante do país.

O Sérgio Gomes nasceu aqui dentro, foi meu monitor. E hoje ele tem a Oboré que é uma das instituições mais importantes desse país também em relação à área de comunicação e à democratização das comunicações

Carol: Agora falando do Jornal do Campus, da onde surgiu a ideia?

Coelho: A ideia é do Freitas Nobre. O Freitas Nobre foi cassado e ele foi pra Paris, ele deu aula em Paris, eu acho que na Paris V. E lá ele ficou observando as coisas como ocorriam e depois ele trouxe pra cá. Então foi ideia do Freitas Nobre, foi tudo pensamento dele.

Tinha até um artigo dele falando sobre isso, da necessidade. E depois também teve muita coisa do José Marques. Que o José Marques foi aluno do Luís Beltrão e o Luiz Beltrão também já pegava isso. Então juntaram as duas coisas. Eu digo o Freitas Nobre porque foi ele que fez a primeira agência e que a agência deveria se transformar num jornal. E depois o Beltrão e o José Marques que, o Beltrão já tinha uma ideia também, o José Marques como fiel seguidor do Beltrão também entendeu que a ideia era importante.

Carol: Como foi esse período de 74 a 75 para o senhor? A questão da morte do Vladimir Herzog...

Coelho: Bom, como eu disse a um momento atrás, a ditadura fez cassação branca, que é não renovar o seu contrato, fez cassação mesmo de pessoas. Cassou muita gente aqui da escola, aliás é por isso que até hoje eu não entendo, se nós temos aqui uma comissão da verdade, a escola que teve mais professores cassados não tem ninguém nessa comissão.

Bom, então alguns professores não tiveram seus contratos renovados, outros tiveram realmente o contrato anulado, no caso do próprio José Marques. Outros foram presos, como o caso do Farkas. Então, na medida em que esses professores saíam, a gente precisava de mais professores. E como que vai fazer pra você contratar mais gente? Você tem que convidar, na época você não precisava de concurso você podia chegar 'eu te convido' e você entra no corpo decente. Só que tinha que ser aprovado pelo conselho, e o conselho do departamento quando foi consultado, a gente não permitiu que isso ocorresse. A gente não permitiu. Quer dizer, nós assumimos todas as disciplinas e fizemos uma divisão dos alunos pelos professores. Então não havia mais separação por semestre, todos os alunos estavam engajados em determinados projetos.

O nosso projeto era o projeto de fazer um livro sobre Radio Jornalismo e o outro fazer um livro, com o Plínio Marcos que também se engajou no nosso trabalho, de fazer um livro sobre jogadores juvenis. Porque nós descobrimos que no Palmeiras uma pessoa se suicidou, um juvenil, porque era homossexual e ele não foi aceito pelo grupo. Então a gente queria fazer um livro por aí. Então, vamos dizer que foi a solução pedagógica que a gente encontrou pra não permitir que a ditadura colocasse aqui o corpo docente dela que já estava preparado. Tanto estava preparado que a convite do diretor da escola, o professor Manuel Nunes Dias, entrou aqui um professor chamado, não sei bem o nome dele mas o sobrenome era Cardoso. Ele era jornalista também, que veio aqui pra botar ordem na casa. Então ele chegou aqui e a chefe do departamento, uma pessoa mais ou menos ligada à direita do país, permitiu que ele, vamos dizer, colocasse as mangas de fora. Foi quando aconteceu esse caso do Jornal de Embura e quando aconteceu a cassação branca do Sinval.

A cassação branca do Sinval se deu da seguinte forma. Ele estava fazendo o mestrado, ele foi do primeiro grupo de mestrado aqui da escola. O orientador dele é o professor Farina, que é do CRP. O Sinval apresentou o exame de qualificação e no exame de qualificação dele haviam dois outros professores. Um professor com quem ele nunca tinha tido aula, o professor Teobaldo, um professor importante pra gente, e a professora Helda Bulotta Barraco, que era chefe do departamento e que era contrária ao Sinval. Ela não entendia que o Sinval era um bom professor e, bom, o que aconteceu? Os dois professores, o professor Teobaldo, mesmo por mérito do Sinval né, ele fez perguntar pro Sinval e o Sinval não tinha condições de responder porque não fez o curso dele. A Helda Bulotta, o Sinval tinha assistido o curso, e ela achou que ele foi mal. E o Farina foi pressionado, o professor Modesto Farina, e ele acabou cedendo. Então uma coisa que não acontece na Universidade. Quer dizer, um professor ser reprovado por seu orientador. Ele foi reprovado por todos. E na época era da seguinte forma, que funcionava aqui, se o professor não fosse aprovado no exame de qualificação, ele tinha mais seis meses pra fazer outro exame de qualificação. Agora, se nesse ínterim, o contrato dele vencesse, ele perderia a vaga, que foi o que aconteceu com o Sinval.

Então o Sinval ele foi reprovado e acabou indo pra fora. Hoje ele é um escritor razoavelmente consagrado. E nós continuamos dessa forma. E os alunos resolveram fazer o seguinte, coincidiu com o jornal de Embura, entraram em greve e pediram pra perder o semestre. Então os alunos pediram pra perder o semestre, porque eles não

queriam um semestre com o corpo docente que tivesse sido maculado pela ditadura, que foi o que aconteceu.

Carol: Qual a sua melhor lembrança da ECA?

Coelho: Ah, mas nossa, é muito tempo. Olha, eu estou aqui há 46 anos, então se eu for falar as melhores lembranças desde os 46 anos, eu acho que nós vamos ficar aqui no mínimo uma semana.

Carol: Mas o que marcou mais o senhor?

Coelho: Olha, tá difícil assim de repente pegar aqui o que marcou mais. Mas eu acho que, eu diria o que marcou mais assim, de melhor lembrança, mas foi perder amigos. Perder amigo como o Vlado. Eu e o Jair andávamos discutindo, mas sempre fomos muito amigos, as nossas discussões não eram discussões pessoais, eram discussões de conceito. Perder uma pessoa como o Miroel Silveira, um dia eu encontrei com ele e ele falou *“Coelho estão me matando”, “Porque?”, “Porque não permitem mais que eu dê aula e que eu seja o diretor do Teatro da USP”*. Então... Perder o professor Virgílio Noya Pinto, eu acho que ele foi injustiçado, ele foi esquecido. Eu acho que outro professor que marcou muito e que está esquecido, o Luiz Celso Piratininga, ele é muito lembrado na Escola Superior de Propaganda e pouco lembrado aqui. O Timochenco Wehbi, uma pessoa, nossa senhora, era assim a alma dessa escola, que também está esquecido. Birigui...o **Birigui** é uma coisa, ele foi aluno dessa escola, morreu no dia 20 de dezembro e o contrato dele saiu no dia 19, saiu um dia antes da morte dele. Depois, o filho único, a mãe e o pai falam *“Nós vamos doar o salário do meu filho ou pra ECA ou pra alguma outra instituição”*. E ele pediu pra ser enterrado aqui. Tanto assim que está a lápide dele lá e um diretor queria tirar porque disse que aqui não é cemitério. Que é justamente o que eu te falo, são pessoas que não tem ligação com a história da ECA.

Uma pessoa que às vezes a gente também não...A Gisélia, a Gisélia eu fui visita-la no hospital ela falou *“Coelho, eu sei que dessa eu não passo, você conhece as árvores que eu gosto, eu quero que você jogue as minhas cinzas naquelas árvores”*. Então, quer dizer, que escola tem? Não existe um lugar em que as pessoas gostem tanto.

Carol: E como o senhor está lidando com a sua aposentadoria?

Coelho: Eu não sei, não penso.

Não reconheci a voz: A resposta seria ‘eu não estou lidando’?

Coelho: Não, eu estou.

Carol: E como você se sente?

Coelho: Ah, a gente se sente mal né, porque parece que a gente tem um prazo. Então o seu prazo está vencendo e você acha que ainda tinha alguma coisa pra apresentar. Então, você fala poxa vida...

Então é um divórcio, um divórcio que é litigioso. Quer dizer, você não quer se divorciar, mas a outra parte quer. Fazer o que?

Daí a pessoa fala “Ah, mas você pode continuar dando cursos”. Posso, mas eu sempre vou ser um abcesso. Porque você perde a participação. Uma pessoa que estava com tanta vontade assim e que também abriu mão foi o Chaparro. Hoje talvez ele não fizesse mais porque ele está enxergando muito pouco. Então a gente não sabe, mas é aquela questão de “seu prazo venceu, meu filho, até logo!”. Eu digo que eu já estou na hora extra.